

**Veredas Feministas: reflexões,
potencialidades e transformações
de pensadoras contemporâneas**

Feminist Paths: reflections, potentialities and transformations of contemporary thinkers

Caminos Feministas: reflexiones, potencialidades y transformaciones de pensadoras contemporâneas

Maria da Conceição Francisca Pires¹

 [0000-0001-8618-4151](https://orcid.org/0000-0001-8618-4151)

Cintia Lima Crescêncio²

 [0000-0002-2992-9417](https://orcid.org/0000-0002-2992-9417)

Jéser Abílio de Souza³

 [0000-0001-8168-0682](https://orcid.org/0000-0001-8168-0682)

Na apresentação do livro *As Mulheres e a História*, publicado em 1995, Michelle Perrot afirma que na década de 1990 emergiu um contexto de enorme acolhida dos trabalhos de investigação sobre mulheres e a diferença dos sexos. Três décadas depois, e ainda surpresas com a abundância de discursos sobre as mulheres, vivemos um momento outro em que os estudos de gênero, a inescapável articulação com os estudos feministas e os desafios trazidos pelos estudos pós-coloniais, decoloniais e contra-coloniais tornaram a História das Mulheres um campo de pesquisa ainda mais potente. Entretanto, ainda assim, pouco reconhecimento se dá à pluralidade de linhagens e vertentes teóricas que constituem o pensamento feminista e a inegável contribuição das reflexões desenvolvidas por intelectuais feministas contemporâneas para a ampliação dos repertórios filosóficos, epistemológicos e ontológicos empregados no campo das ciências humanas e sociais. Entendemos que a falta de reconhecimento do pensamento intelectual feminista está vinculada ao sistema predominante de produção de conhecimento androcêntrico, entrelaçado com outros sistemas de poder como raça, etnia, classe, capacidade, cultura, nacionalidade, linguagem, entre outros. Isso ressalta a importância crucial da crítica ao paradigma cisheteropatriarcal branco e às disciplinas científicas, com destaque para como esses campos frequentemente reproduzem diversas formas de discriminação, incluindo, mas não se limitando, à questão de gênero.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Professora Associada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. *Lattes*: [9397370787594051](https://lattes.cnpq.br/9397370787594051) - *E-mail*: maria.c.pires@unirio.br.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora Adjunta na Universidade Federal do ABC - UFABC. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia - NEG. *Lattes*: [3667508720087825](https://lattes.cnpq.br/3667508720087825) - *E-mail*: cintia.lima@ufabc.edu.br.

³ Doutorando pelo Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Pesquisador integrante dos Grupos de Pesquisa Núcleo de Estudos Linguísticos e Culturais (NELC/UNESP/CNPq) e Grupo de Estudos sobre Raça e América Latina (GERAL/UFMG/CNPq). *Lattes*: [6122076403503878](https://lattes.cnpq.br/6122076403503878) - *E-mail*: jesper.abilio@hotmail.com.



Ao lado desse esforço crítico, é importante rever e (re)formular novas epistemologias, categorias conceituais e metodologias de pesquisa que nos auxiliem a superar tal modelo. O presente dossiê representa um esforço de ampliar o olhar para objetos, questões e sujeitas outras colocadas na periferia da ordem simbólica e material hegemônicas e recuperar, ainda que de forma fragmentada, essa produção intelectual historicamente excluída, esquecida e invisibilizada.⁴ Reunimos 14 artigos que comungam do interesse em debater, a partir do suporte teórico e epistemológico construído por pensadoras feministas contemporâneas, temáticas fundamentais para a consolidação do pensamento feminista, como corpos, sexualidades, memórias, afetos, dissidências, subjetividades, interseccionalidade, epistemícidios, dentre outros.

O primeiro artigo, *O corpo negro na literatura brasileira: imagens de controle vs. o poder da autodefinição*, de Juddy Garcez, ancora-se em referencial interseccional para investigar a hierarquização das mulheres negras em relação à estereotipagem de seus corpos pela literatura, assim como aponta para a necessidade de desafiar as imagens de controle pela autodefinição. Já o artigo *O Manifesto Contrassexual de Paul Beatriz Preciado: uma análise sobre deficiência, gênero e sexualidade*, de Werley Pereira de Oliveira, Maria da L. Alves Ferreira & Geélison F. da Silva, apoia-se em referenciais contrassexuais para discutir o controle e a estigmatização, como formas de opressão e violência de corpos de mulheres negras, de pessoas transexuais e transgêneros e de pessoas com deficiência. Ambas as análises oferecem um singular escopo teórico, atualizado e crítico, que evidencia os limites das teorias totalizantes e das narrativas racistas, capacitistas e heteronormativas. Além disso, a análise do segundo artigo destaca como tais teorias e narrativas “[...] tratam capacidades com as categorias a partir de binômios como normal e anormal, capaz e incapaz, eficiente e deficiente, perfeito e imperfeito e outras dualidades da corponormatividade que valida a sujeição de alguns corpos a outros” (Oliveira, Ferreira & Silva, 2024, p. 33), conforme se tornam responsáveis por diferentes formas de opressão, estigmatização, exclusão e silenciamentos.

Diferentes formas de enfrentamento dos silêncios forçados e dos epistemicídios impostos por uma epistemologia branca cisheteropatriarcal são o foco central dos artigos:

⁴ Este dossiê articula-se e é resultado de projetos atualmente desenvolvidos. São eles: *Uma História das Artistas do Traço no Brasil*, coordenado por Cintia Lima Crescêncio e financiado pelo CNPq (Processo: 403648/2023-8) e *Humor Gráfico produzido por Mulheres no Brasil (1990-2020)*, coordenado por Maria da Conceição Francisca Pires financiado pela FAPERJ (Processo E_13/2023APQ) e CNPq (Processo: 168999/2023-4).



Mulheres negras, memória e subjetividades: o que no corpo e na voz se repete é também episteme, de Jessica Silva Pereira; *Todo tempo não é um: memórias, mulheres e capoeira*, de Érica Pires do Amaral; e *Intelectuais negras: insubmissão e transgressão à epistemologia branca-cisheteropatriarcal colonial*, de Gyne Gessyka Pereira dos Santos. As autoras exploram epistemologias decoloniais e interseccionais para apresentar formas outras de narrativas, como a oralitura e performances corporais, como a dança e a capoeira, que reivindicam as suas próprias memórias e rompem com a invisibilidade epistêmica das mulheres. Tomando a matriz africana como ponto de partida, Pereira (2024, p. 48) afirma que a história oral é:

[...] um método de preservação e interpretação de vozes do passado, de memórias das comunidades, dos grupos e das pessoas. [...] Aos poucos, ela mostra sua capacidade de incluir povos que privilegiam [...] as performances corporais como forma de criação, fixação e expansão de conhecimento.

Com ouvidos atentos para os cânticos e saberes ditados pelas mestras da capoeira, Amaral (2024, p. 70) nos presenteia com as “[...] temáticas tratadas e as metáforas poéticas do universo da Capoeira”, e como elas narram as lutas e resistências das mulheres negras e contribuem para a superação do sexismo. Seguindo as palavras de Santos (2024, p. 107), elas são formas de (in)subalternização, de:

[...] sair de um discurso naturalizado, suplantando um estado de alienação racial que superioriza a branquitude, para tomar conhecimento das atrocidades que a história eurocêntrica ideologicamente faz questão de não contar, uma omissão que silencia, oprime, perpetua e potencializa o racismo, naturalizando desta forma uma construção hierárquica étnica baseada no modelo ideal de superioridade branca.

O próximo conjunto de artigos dialoga com as estratégias construídas, paulatinamente e de maneira organizada, por grupos estigmatizados, invisibilizados e/ou sub representados politicamente para se expressar, resistir e manifestar afetos e subjetividades através da instrumentalização das redes sociais, à medida que se inserem, de forma inusual, nas dinâmicas políticas contemporâneas. Assim, Gerbson da Silva Lima, Taciana Lima de Paula Black & Kalina V. Silva, em *Além do filtro: interseccionalidade e a experiência das adolescentes negras do Recife no Instagram*, mostram-nos a pluralidade das formas de ocupação dos espaços virtuais e a maneira como esses têm sido empregados como zonas de debate em torno de suas discursividades. Similarmente, Clarissa de Souza Oliveira Godoy em *Ciberfeminismos e a reorganização criativa dos ativismos na era digital: uma análise de perfis brasileiros no Instagram em Portugal*, enfatiza a importância dos ciberfeminismo para



a popularização e o reforço das pautas feministas. Por outro lado, ao refutarem as “epistemologias racionalistas” e conferirem singular atenção aos afetos e emoções como produzidos e produtores do político, Maria Lidia Mattos Valdivia, Valéria O. Lopes & Ana Gabriela de C. Cordeiro, em “*Un violador en tu camino*” como resistência e performance latino-americana: uma análise sobre afetos e emoções, apresentam a performance *Un violador en tu camino* como “[...] um movimento de coletividade em busca da cura e acolhimento de dores e violências coletivas causadas por ideologias de dominação” (Valdivia, Lopes & Cordeiro, 2024, p. 188). Difundida globalmente via redes sociais, esta performance se situa “[...] em debates feministas extensos que visam questionar tanto as bases tradicionais do conhecimento, quanto às estruturas sociopolíticas dominantes que (re)produzem violências raciais, sexuais, de gênero, entre outras” (Valdivia, Lopes & Cordeiro, 2024, p. 170).

Os artigos *Trajatória de Dona Ivone Lara: entre a saúde mental e o samba - uma análise da música Sorriso Negro*, de Priscila Lourenço Soares Santos, *A potência política da voz da mulher negra: uma análise de discurso das músicas de Elza Soares*, de Jéser Abílio de Souza, *Literatura e pensamento na encruzilhada: caminhos abertos por Esmeralda Ribeiro*, de Maria Clara Martins Cavalcanti, e *A Educação feminina no Brasil do século XIX: percursos e reflexões sobre a maranhense Carlota Carvalho*, de Auricelia A. Silva, Welington S. Silva, Dimas R. Ribeiro & Kelly L. Julio, partilham o interesse por centrar o enfoque em trajetórias pessoais de artistas e intelectuais, três delas reconhecidamente negras, ao passo que conferem especial destaque para a potência política de suas condutas, narrativas e pensamentos.

Esses artigos expandem a noção de “intelectual”, acompanhando a compreensão de bell hooks, enunciada por Cavalcanti (2024, p. 253), de que “[...] o conceito ocidental racista/sexista sobre quem pode ser considerado ‘intelectual’ no corpus social têm impedido, historicamente, o reconhecimento de mulheres negras como produtoras de conhecimento: filosófico, histórico, geográfico, literário e afins”. Souza (2024, p. 219) sinaliza para a intrínseca conexão entre epistemicídio e racismo, e ressalta que mesmo assim “[...] os sujeitos marginalizados empreendem lutas distintas ante as práticas de desumanização e de discriminação, à medida que constroem ações e discursos para combatê-las em diversos âmbitos da estrutura social”. A partir desses pressupostos, esses artigos nos presenteiam com a brilhante trajetória e potência política da produção artística e intelectual de Dona Ivone



Lara, de Elza Soares, de Esmeralda Ribeiro e de Carlota Carvalho, intelectuais e artistas insubmissas, transgressoras e produtoras de conhecimentos outros, que vão muito além do que foi circunscrito pela episteme eurocentrada hegemônica.

Em *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It de Janina Ramirez: O caso de Hildegard von Bingen*, Andréa Moraes da Costa analisa a figura de Hildegard, uma renomada abadessa alemã da Idade Média, retratada na obra de Ramirez, a fim de reconhecer a importância e a circulação de histórias produzidas por mulheres e sobre mulheres invisibilizadas em outras sociedades e épocas. Tomando como ponto de partida o termo *Femina* e as epistemologias feministas contemporâneas, Costa identifica práticas que não apenas reescrevem a história, mas que também confrontam sistemas patriarcais e combatem sub-representações femininas, conforme inspiram suas leitoras com preocupações de mulheres à frente de personagens masculinos.

Por fim, Victoria Soares Vidal, Tatiana Ribeiro de Campos Mello & Agnes Arruda, no artigo *Políticas Públicas e Feminismo: histórias de mulheres em situação de violência em Mogi das Cruzes*, apresentam um recorte de pesquisa em que analisam os relatos de “[...] 3 usuárias que acessaram a rede municipal de atendimento às mulheres em situação de violências entre os anos de 2016 e 2022 em Mogi das Cruzes” (Vidal, Mello & Arruda, 2024, 328), para discutir a trajetória de mulheres em situação de violência. Nesses relatos temos acesso as experiências das entrevistadas:

[...] nas políticas públicas de assistência social, de saúde, de segurança pública, de habitação e do judiciário, apresentando as dificuldades de acesso e de atendimento, as ausências de serviços, equipamentos ou recursos humanos, bem como as potencialidades dos serviços existentes e suas sugestões para a melhoria do atendimento às mulheres no município de Mogi das Cruzes (Vidal, Mello & Arruda, 2024, p. 332).

Com uma análise minuciosa das dificuldades e ausências de políticas públicas especializadas para o atendimento dessas mulheres, as autoras desenvolvem um parecer crítico sobre a necessidade de maior investimento em políticas públicas que “[...] abordem questões como a desigualdade salarial, a violência de gênero, a baixa representatividade política e o direito ao aborto para enfrentamento a todas as formas de opressão que estruturam e legitimam as violações de direitos para que seja possível de fato enfrentar as violências patriarcais com vistas à emancipação das mulheres” (Vidal, Mello & Arruda, 2024, p. 344).



Integra este Dossiê, ainda, a entrevista realizada por Cintia Lima Crescêncio com a professora Dra. Mara Burkart (CONICET/UBA), uma das mais importantes pesquisadoras do humor na América Latina, que se dedica a investigar o humor das mulheres e o humor feminista na Argentina. Na entrevista ela discorre sobre sua trajetória de pesquisa interdisciplinar nesse campo estudos, assim como “[...] indica bibliografias, arquivos, fontes e caminhos para quem deseja enveredar-se na construção de um olhar feminista para o humor gráfico argentino, mas também para o mundo” (Crescêncio & Galvão, 2024, p. 576).

Consideramos que o presente Dossiê reúne uma variedade de estudos os quais contribuem para dar visibilidade às intelectuais feministas, bem como às trajetórias de vida, obras literárias e outras expressões culturais e políticas de mulheres, ao passo que se amparam pelo pensamento feminista contemporâneo. Tais trabalhos dialogam com diferentes perspectivas teóricas, epistemológicas e propostas metodológicas, à medida que exploram as intersecções de gênero com outras categorias e examinam imbricações com estruturas sócio-históricas complexas como colonialismo, imperialismo, capitalismo, racismo etc. Esperamos que as pessoas interessadas em se aprofundar no debate feminista apreciem o conteúdo deste Dossiê e o tomem como um ponto de referência teórico e metodológico para suas próprias pesquisas e reflexões. Esperamos, ainda, que os artigos aqui apresentados estimulem novos estudos e discussões, bem como proporcionem um melhor entendimento das distintas relações que atravessam as vidas das mulheres, em diferentes domínios. Que este Dossiê sirva como um recurso valioso para discentes, acadêmicas, pesquisadoras, ativistas e qualquer pessoa interessada em ampliar a compreensão do pensamento feminista contemporâneo.